

Alma sacerdotal, Alma de Cristo

Todas as manhãs podemos dizer ao Senhor que queremos que o dia que começa seja também para Ele, oferecendo-lhe a nossa vida, o nosso coração, o nosso trabalho... Este oferecimento é possível porque todos os cristãos têm alma sacerdotal.

08/03/2010

Entre as perguntas do catecismo utilizado em vários lugares para preparar as crianças para a Primeira

Comunhão, figurava a seguinte: para que criou Deus os homens? A resposta era simples e fácil de memorizar: «Deus criou os homens para O amarem e Lhe obedecerem na terra e para serem felizes com Ele no céu».

Aí está aspeto essencial do nosso destino na terra. O *Compêndio* do atual *Catecismo da Igreja Católica* explicita, no entanto, um aspeto importante: «o homem foi criado para conhecer, servir e amar a Deus, para Lhe oferecer neste mundo toda a criação em ação de graças e para ser elevado à vida com Deus no céu» (1).

Com efeito, pertence ao sentido geral da criação do homem, da sua chamada à existência, dirigir a Deus a sua atividade no mundo e oferecer-lhe toda a criação em ação de graças. Como Deus associou o homem à sua obra criadora, toda a atividade

humana deve tender a cooperar e refletir a bondade e a beleza da ação de Deus. «O homem, criado à imagem de Deus, recebeu o mandato de governar o mundo em justiça e santidade, submetendo a si a terra e tudo aquilo que nela se contém, e de orientar para Deus a sua própria pessoa e todo o universo, reconhecendo Deus como criador de tudo» (2).

Mas, após o pecado original, essa tarefa de colaboração no desígnio divino encontrou um obstáculo insuperável: a falta de retidão do coração do homem. Como a Bíblia narra, em vez de cooperarmos com Deus na construção do cosmos, começámos a comunicar-lhe a nossa própria desordem, construindo um mundo egoísta. Então, Deus, pela sua grande misericórdia, enviou-nos o Seu Filho para introduzir de novo na criação a retidão de vida, a justiça do coração, as palavras e ações que

verdadeiramente lhe agradam. E os cristãos foram associados a essa obra de Redenção, prevista eternamente por Deus. O sacrifício e a graça de Cristo devolveram-nos a Deus e tornaram possível que as nossas obras pudessem colaborar na salvação das criaturas.

O espírito do Opus Dei sublinha esse chamamento a cooperar com Cristo na obra criadora e redentora. Além disso, propõe um caminho específico: realizar com perfeição a tarefa quotidiana, o trabalho de cada dia, a vida familiar, as relações sociais, em suma, oferecer a Deus a atividade de todos os dias, a vida corrente, até chegar a reconhecer a Sua presença em milhares de pequenos pormenores.

E isto exige uma profunda disposição interior: o desejo sobrenatural de servir a Deus no que fazemos, de aproximar d'Ele as pessoas com

quem nos damos, de O glorificar e, para isso, de livrar-nos das misérias que têm na raiz o pecado. É como um depósito que o Espírito Santo vai deixando na alma pouco a pouco, contando com a nossa correspondência, um modo de ser que procede de Cristo e nos une ao seu Sacerdócio.

A alma sacerdotal é própria de todos os cristãos, pois pelo Batismo ***fomos constituídos sacerdotes da nossa própria existência (...), para realizar cada uma das nossas ações em espírito de obediência à vontade de Deus*** (3). Por isso, todas as manhãs, no início da jornada, dizemos ao Senhor que queremos que o novo dia seja também para Ele, e oferecemos-lhe a nossa vida, o nosso coração, o nosso trabalho, todo o nosso de ser.

APOIADA NA GRAÇA

Se podemos agradar a Deus e fazer com que as nossas obras, reflitam a caridade e a bondade divinas, não é em virtude dos nossos méritos, mas pela graça de Cristo, que nos torna interiormente justos, porque, como diz São Paulo, **o amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado** (4).

Por isso, a alma sacerdotal vem do alto (5), da nossa condição de filhos de Deus: desenvolve no cristão a vida de Cristo, sacerdote eterno. Atuar com alma sacerdotal exige vencer-se frequentemente, e ultrapassar os limites de dedicação e esforço que parecem razoáveis. Exige ignorar ou resolver dificuldades originadas pelo caráter de cada um ou pelas circunstâncias, porque vemos que há algo que convém para a glória de Deus ou para o bem do próximo. Exige conseguir o tempo necessário

para fazer o bem, ou superar o medo de não sermos capazes de o realizar.

Temos de nos exercitar quotidianamente nestas coisas, procurando obter pequenas vitórias, aumentando a generosidade em algum pormenor, evitando desânimos porque não pudemos ou não quisemos. Só assim podemos cimentar a nossa vida interior cada vez mais profundamente. A nossa generosidade e a nossa correspondência nunca nos parecerão suficientes se olhamos para diante, para essa meta que está sempre distante: se nos olharmos no espelho da vida de Jesus.

A alma sacerdotal de Cristo fica bem refletida nesta breve afirmação sobre o sentido da Sua vida: **O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em redenção de muitos** (6). O que Jesus quer manifestar

nessas palavras é a sua própria disponibilidade em exceder todos os limites para libertar muitos do pecado e dar-lhes a vida, para que o Pai seja glorificado com a salvação dessas pessoas.

Nesta terra, para além de Jesus, só a Virgem Maria nos dá a certeza de que foi capaz de não dizer nunca: basta!, guiada como foi, pelo desejo de ser, em todas as circunstâncias, a serva do Senhor. Ela acompanhou Jesus crucificado mais do que qualquer outra pessoa e o Senhor associou-a ao seu Sacerdócio de um modo especialíssimo e superior ao de qualquer outro ser humano.

Santa Maria pôde exercitar a alma sacerdotal com essa perfeição pela sua particular plenitude de graça do Espírito Santo. Por isso, não podemos contemplar o seu exemplo somente com olhos humanos. A nossa imaginação ficaria submergida pela

dificuldade que tal renúncia e sacrifício implicam. Julgaríamos que esse caminho é impossível para nós e conformar-nos-íamos com procurar, consciente ou inconscientemente, caminhos mais cómodos.

A liturgia da Igreja diz que o Espírito Santo – **que nos foi dado** – é «Pai dos pobres, Dador dos dons, Luz dos corações» (7). Se somos fiéis e confiarmos n'Ele, obteremos também todos os seus dons: «o prémio da virtude, a realidade da salvação, a alegria perene» (8). E desse modo, todas as ocasiões de exercitarmos a alma sacerdotal encher-nos-ão de alegria. E quando isso custar, sentiremos inexplicavelmente uma alegria maior, que procede de dentro, dessa **fonte de água que mana até à vida eterna** (9).

COMMUNICATIO CHRISTI

Tende entre vós, diz São Paulo, os mesmos sentimentos de Cristo

Jesus (10). O Evangelho dá-nos a conhecer frequentemente muitos dos desejos e modos de pensar do Senhor. Repara-se que o primeiro lugar da sua alma é sempre para Deus Pai. Consume-o o desejo de fazer o que o Pai lhe pede, devora-o o zelo pela Casa de Deus... Um zelo que se manifesta já na adolescência, quando sente no Templo a imperiosa necessidade de se ocupar das coisas do seu Pai. Anos mais tarde, declararia que essa Vontade era a substância da qual vivia, o seu alimento, e que sentia verdadeiras ânsias de ver cumprido o plano divino (11).

Impulsionado por este afã, Jesus Nosso Senhor desejava profundamente a conversão dos homens, que eles se abrissem ao amor de Deus, à caridade uns com outros. Podia descobrir nos corações essa sede de felicidade, afogada muitas vezes pelas cadeias do

pecado: Zaqueu, a samaritana, a mulher adúltera, são testemunhas eloquentes disto.

As necessidades humanas, a indigência e a dor comoviam profundamente o seu Coração amabilíssimo: as ressurreições do seu amigo Lázaro, a da filha de Jairo, - um dos chefes da sinagoga - a do filho da viúva de Naim; a miséria daqueles leprosos, do cego de nascença, da hemorroíssa doente e arruinada.

Cristo apreciava a pureza do coração das crianças, a humildade da cananeia, a nobreza dos seus discípulos. Sentia profundamente a amizade dos seus, a alegria de os ver os crescer na fé e de compartilhar os seus anseios. **Vós sois, dizia-lhes, os que permanecestes junto de mim nas tribulações...** (12). Deve ter-lhe doído profundamente a traição de Judas, a apostasia dos que o

abandonaram, a obstinação dos seus inimigos. Jesus chorou ante o duro destino que Jerusalém teria.

Assomamo-nos à alma de Cristo porque encontramos aí as manifestações principais da alma sacerdotal que qualquer cristão deveria possuir, participação daquela vontade de Redenção que levou Jesus a morrer por nós na Cruz. A alma sacerdotal leva-nos a cumprir sempre a Vontade divina, oferecendo-nos a Deus Pai, em união com Cristo, graças à ação do Espírito Santo, a ter sentimentos que o Espírito Santo concede ao nosso coração. Isto é, como dizia Santo Ireneu, *communicatio Christi*, comunicação de Jesus e, por isso, transmissão da sua intimidade, dos seus sentimentos e afãs, que se tornam cada vez mais nossos. «Na Igreja instalou-se o Espírito Santo, ou seja, a comunicação de Cristo» (13).

Na oração, fomentamos os nossos desejos de que seja assim.

Frequentemente, a leitura do Evangelho, pondo empenho para nos situarmos naquelas cenas e fixando-nos em Jesus, no que Ele nos quer comunicar, no que leva no coração, também nos ajuda a isso. Mesmo que talvez tenhamos de começar por lhe dizer que estamos carentes de ideias, frios e insensíveis..., ou rogando-lhe que nos conceda, pelo menos, aqueles desejos de santidade que São Josemaria nos incitava a pedir. Se o fizermos com humildade, certos de que estamos a solicitar o que é melhor, o Senhor terá compaixão da nossa pobreza, premiará a nossa fé e realizará em nós o milagre. O seu poder divino, que transformou a vida de muitas personagens do Evangelho imprimirá na nossa alma os seus sentimentos redentores.

E olhando assim o mundo, as pessoas, a nossa vida, com esses

olhos que Cristo nos concede, pedir-lhe-emos humildemente que nos ajude a atuar bem, a fazer aquilo que lhe agrada, a servi-lo nas tarefas que nos ocupam, a levar até Ele as pessoas que nos rodeiam, sem medo de nos esgotarmos.

Nos momentos de oração, e sempre, voltamos os olhos para Maria, nossa Mãe, e pedimos-lhe que estas ambições santas cresçam impetuosamente no coração de todos os cristãos, que nos deixemos transformar pela Alma de Cristo para chegarmos a ser verdadeiramente **conformes à imagem do seu Filho, para que Ele seja o primogénito entre muitos irmãos** (14).

1. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 67.

2. Conc. Vaticano II, Const. Past. *Gaudium et Spes*, n. 31.
3. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 96.
4. *Rm* 5, 5.
5. Cfr. *Jo* 3, 3.5.
6. *Mc* 10, 45.
7. Sequência *Veni Sancte Spiritus*.
8. Sequência *Veni Sancte Spiritus*.
9. *Jo* 4, 14.
10. *Fl* 2, 5.
11. Cfr. *Jo* 4, 34; *Lc* 12, 49-50.
12. *Lc* 22, 28.
13. S. Ireneu de Lyon, *Adversus haereses*, III, 24, 1.
14. *Rm* 8, 29.

A. Ducay

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/alma-
sacerdotal-alma-de-cristo/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/alma-sacerdotal-alma-de-cristo/) (07/08/2025)